

OXIGÊNIO

JANEIRO 2023

o

NÚMERO 41

As esculturas
radicais de
Magdalena
Abakanowicz



EDITORIAL

2023. BEM-VINDO!

EMBALADO pela beleza do Festival Internacional de Música de Santa Catarina, que reúne 86 professores, nacionais e estrangeiros, para compartilhar conhecimento e multiplicar experiências junto a mais de 1,2 mil alunos inscritos;

ALEGRE, MÚLTIPLO, PLURAL E DEMOCRÁTICO como a programação do 29º Janeiro de Grandes Espetáculos – Festival Internacional de Artes Cênicas e Música de Pernambuco, que acontece em Recife, Olinda e interior do estado;

GRANDIOSO como as obras em tapeçaria de Magdalena Abakanowicz, em exposição na Tate Modern, Londres, em formas tridimensionais radicalmente diferentes de qualquer outra arte;

CARISMÁTICO como Anegada, a minúscula ilha (quase) fora do mapa no especialíssimo arquipélago das Ilhas Virgens Britânicas;

CELEBRATIVO como a inauguração do novo prédio da Pinacoteca de São Paulo, que somado aos dois já existentes tornam o museu uma das maiores instituições de arte da América Latina;

GENIAL como o Cinema de Tim Burton, um dos mais premiados e reverenciados cineastas dos nossos tempos, homenageado no CCBB Rio de Janeiro, com a exibição de 42 filmes;

E, sobretudo, ESPERANÇOSO com a possibilidade de um país mais JUSTO, mais PRÓSPERO e mais SÁBIO.

BOA LEITURA.

Foto de capa: Maria Hermínia Donato – Magdalena Abakanowicz, *Abakan red*, 1969

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradores: Alexandre Mancini e Antonella Kann

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Eu, Romeu*, um drama universal de Verona a Rocha Miranda | *Aftersun*, aclamado filme de Charlotte Wells, estreia com exclusividade no MUBI a partir do dia 6 | *Cerca Viva* no Teatro Firjan Sesi, RJ | *Helena Blavatsky, a Voz do Silêncio* – Grande sucesso nas plataformas virtuais durante a pandemia, espetáculo estreia dia 13 em São Paulo, no Teatro B32 | Cia Mundu Rodá estreia espetáculo sobre o ciclo da borracha | O cinema de Tim Burton a partir do dia 4, no CCBB RJ

21

MATÉRIA DE CAPA – DIRETO DE LONDRES: Abakans – Magdalena Abakanowicz na Tate Modern, Londres

27

TURISMO: Anegada, uma ilha (quase) fora do mapa

33

Pernambuco em Festa – A partir do dia 10 acontece o *29º Janeiro de Grandes Espetáculos* plural e democrático

39

Tridimensional: entre o sagrado e o estético – um recorte da coleção de Vera e Miguel Chaia

43

Sanagê Pele e Osso – a diáspora africana e suas consequências no Espaço Cultural Correios Niterói, RJ

46

Pinacoteca de São Paulo inaugura novo edifício e anuncia a grade de exposições para 2023

50

Casa pampulhana – Registro, valorização e afirmação da Azulejaria Brasileira

54

Festival Internacional de Música de Santa Catarina – FEMUSC – chega a 18ª edição e celebra encontro entre o erudito e o popular



Foto: Divulgação

EU, ROMEU

UM DRAMA UNIVERSAL DE VERONA A ROCHA MIRANDA

Um Shakespeare do subúrbio: em “Eu, Romeu”, o ator Marcos Camelo, da Adorável Companhia (RJ), estreia em São Paulo. De 6 a 29 de janeiro, a peça será apresentada da Sala Augusto Boal, Teatro de Arena Eugêno Kusnet

A tragédia mais amada de William Shakespeare se mistura à recorrente tragédia dos subúrbios do Rio de Janeiro, onde o CEP de um indivíduo determina os acontecimentos de sua vida, até onde este pode ir e o tamanho de suas conquistas. Transpor essas barreiras equivale a uma verdadeira odisséia, uma constante luta

desigual para afirmar sua potência, alcançando seus objetivos e sonhos.

Em cena, Marcos Camelo sintetiza através do corpo a dicotomia de ter a cabeça em Verona, dividida entre Montéquios x Capuletos, e os pés em Rocha Miranda,

bairro da Zona Norte carioca, localizado entre o *Morro do Jorge Turco* e o *Morro do Faz Quem Quer*, trazendo à cena a história de heróis perdedores, daqueles que fazem o que podem com o que são e que com honra, dignidade e bom humor ousam sonhar, lutar e quase sempre perder.

Segundo Marcos, o espetáculo traz o desafio de um teatro vivo, interessado em tocar as pessoas, proporcionando uma experiência íntima e pessoal, ultrapassando a facilidade do individualismo que aflige a todos nos dias atuais. Ele se utilizou de duas premissas para construir o espetáculo: um assunto que precisamos falar e um acontecimento que precisamos celebrar. Daí a ideia de contar a conhecida tragédia de Shakespeare sob a perspectiva de um ator que muito provavelmente

não seria escalado para protagonizar uma montagem clássica de *Romeu e Julieta*. *“A inspiração para o espetáculo partiu do quanto estão estruturados na sociedade os sistemas pré-determinados que impõem limites aos cidadãos devido a sua ascendência, a cor de pele, cep e cultura”*, avalia.

E onde o Romeu de Shakespeare encontra o Romeu de Marcos? Marcos só se encontra com Romeu na intensidade com que vive a paixão adolescente. Se por um lado Romeu se sente livre para invadir a festa de uma família da alta sociedade de Verona, onde não era convidado – e também, sabidamente não era bem vindo –, para o jovem do subúrbio/periferia do Rio de Janeiro e, de modo geral, do Brasil, a resposta à sua paixão é “NÃO”.

Foto: Sílvia Patrícia



Os estereótipos e a regionalização das oportunidades estão no palco, além das barreiras físicas e reservas de mercado. Celebrar a insistência petulante dos improváveis, a paciência dos que não se encaixam e exaltar a teimosia. O espetáculo *Eu, Romeu* apresenta uma dramaturgia autoral e contemporânea, mesclando Romeu e Julieta a acontecimentos da vida de seu intérprete, tornando-os intrinsecamente ligados e apontando que no cotidiano real a cor e a origem de um indivíduo podem tornar sua trajetória trágica.

O espetáculo, premiado em vários festivais pelo Brasil, já circulou por Goiás, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul e Amazônia.

FICHA TÉCNICA

Marcos Camelo: Elenco, roteiro e figurino

Cecília Viegas: Direção artística, argumento e pesquisa de aparelho

Júlio Coelho: Iluminação

SOBRE MARCOS CAMELO

Nascido e criado no subúrbio do Rio de Janeiro, é formado na Escola Estadual Martins Pena, ex-integrante dos *Doutores da Alegria*, Fundador e Palhaço do *Grupo Roda Gigante*, diretor do premiadíssimo *Acorda Amor*, da *Cia. Quatro Manos*, e Diretor Artístico da *Adorável Companhia*.

SOBRE CECÍLIA VIEGAS

Nascida em Vila Isabel, Zona Norte do Rio de Janeiro. Formou-se na Escola Estadual de Danças Maria Olenewa, trabalhou com o corpo de baile no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. É fundadora do projeto social, *Flutuarte*. Buscou formação em pedagogia do circo e fundou a *Adorável Companhia* com Marcos Camelo.

SOBRE A ADORÁVEL COMPANHIA

Companhia formada por uma bailarina/acrobata e um ator/palhaço: Cecília Viegas e Marcos Camelo. Criada para satisfazer o desejo por uma autonomia artística e por uma cena autoral, multidisciplinar numa linguagem popular e ao mesmo tempo sofisticada.

Site: <https://www.adoravelcia.com>

SERVIÇO

Espectáculo *Eu, Romeu*

Temporada: de 6 a 29 de janeiro

Sala Augusto Boal – Teatro de Arena Eugênio Kusnet

Rua Doutor Teodoro Baima, 94, República, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3259-6409

Dias e horários: Sextas e sábados às 20h, domingos às 19h

Ingressos: Inteira R\$40,00 – Meia R\$20,00

Duração: 60 minutos | Classificação etária: 14 anos

Capacidade: 99 lugares



Foto: Sílvia Patrícia



AFTERSUN,
ACLAMADO
FILME DE
CHARLOTTE
WELLS,
ESTREIA COM
EXCLUSIVIDADE
NO MUBI A
PARTIR
DO DIA 6

O filme de estreia de Charlotte Wells, com o ator vencedor do BAFTA, Paul Mescal (Normal People, A Filha Perdida) e a atriz escocesa de 12 anos, Frankie Corio em seu primeiro papel, estreou mundialmente no Festival de Cannes de 2022, onde ganhou o French Touch Jury Prize

Recentemente, *Aftersun* recebeu 16 indicações ao *British Independent Film Awards* e levou os prêmios de melhor filme independente britânico, melhor direção, roteiro, diretor estreante, fotografia, edição e supervisão de música. Charlotte também foi reconhecida na categoria de direção inovadora no *Gotham Awards 2022*.

O filme foi escrito e dirigido pela cineasta escocesa Charlotte Wells, destaque no especial *25 Faces of Independent Film* da *Filmmaker Magazine*, e que integrou o Laboratório de Roteiristas e Diretores do Instituto Sundance de 2020. *Aftersun* é seu longa de estreia.

SINOPSE

Aos 11 anos de idade, no final dos anos 1990, Sophie passa as férias com seu pai Calum em um resort numa praia da Turquia. Eles nadam, jogam sinuca e aproveitam a companhia um do outro; são parceiros de

crime. Calum é sua melhor versão quando está com Sophie. E ela sente que tudo é possível quando ele está perto. Quando Sophie está sozinha, navega entre novas amizades e experiências. Enquanto passam o tempo juntos, camadas de melancolia e mistério permeiam o comportamento de Calum. Vinte anos depois, as memórias adquirem um novo significado, à medida que Sophie tenta reconciliar o pai que ela conheceu com o homem que não conhecia.

SOBRE A MUBI

A MUBI é um serviço global de streaming, produtora e distribuidora de filmes. Produz, adquire, seleciona e defende filmes visionários, conectando-os a públicos em todo o mundo. MUBI é um lugar para descobrir filmes ambiciosos de diretores icônicos a autores emergentes. Um novo filme chega à plataforma todos os dias, cuidadosamente selecionado pelos curadores do serviço.

Still Aftersun

Foto: Sarah Makharine





Foto: Luiz Henrique Sá

CERCA VIVA no Teatro Firjan Sesi, RJ

Com direção de Cesar Augusto e dramaturgia de Rafael Souza-Ribeiro, peça aborda dilemas e frustrações típicos de um casamento. O espetáculo fica em cartaz de 9 de janeiro a 14 de fevereiro

A peça traz os atores Camila Nhary (Lúcia) e Gabriel Albuquerque (Luiz) no papel de um jovem casal que resolve deixar a vida agitada da capital para morar em uma cidade rural em processo de urbanização. Ambientada na década de 50, “Cerca Viva” mostra a aflição da esposa de postergar os seus sonhos e abdicar de uma promissora carreira para acompanhar o marido em um novo emprego na área industrial.

Com inúmeras indagações, dúvidas, receios e algumas certezas dentro do casamento, ambos passam a questionar o vazio de suas vidas ao tentarem construir a imagem da família tradicional perfeita. Todos os dilemas do casal, principalmente os de Lúcia, ganham ainda mais força por conta do convívio com seus novos vizinhos, Valcir (Sávio Moll) e Regina (Ângela Rebello), que acabam trazendo uma nova visão sobre algumas das questões que os afligem.

Segundo Camila Nhary, o espetáculo propõe uma reflexão do público sobre as mudanças ocorridas após os anos 50 e os principais conflitos das mulheres no país.

“Estreamos esse espetáculo nas lonas culturais, oferecendo um bate-papo depois da sessão. Essas conversas foram riquíssimas. Ouvimos inúmeros depoimentos de mulheres que abriram mão de seus anseios profissionais para acompanhar a carreira do marido, além de outras que contaram sobre os seus dilemas e desafios diante de uma gravidez. Na verdade, foi praticamente unânime entre as espectadoras a sensação de que houve muito poucas mudanças nessas sete décadas. Há muitas Lúcias por aí e o espetáculo traz um olhar e uma reflexão acerca desses tabus”, afirma.

SERVIÇO

Peça “Cerca Viva”

Local: Teatro Firjan Sesi Centro – Av. Graça Aranha, 1, Centro, Rio de Janeiro / RJ – Tel.: (21) 2563-4455

Datas e horário: 9 de janeiro a 14 de fevereiro (segundas e terças), às 19h

Classificação: 12 anos

Duração: 60 min

Valor: R\$30,00 (inteira) e R\$15,00 (meia)

Link para compra de ingressos:

<https://bileto.sympla.com.br/event/79150>

“HELENA BLAVATSKY, A VOZ DO SILÊNCIO”

Grande sucesso nas plataformas virtuais durante a pandemia, espetáculo estreia dia 13 em São Paulo, no Teatro B32



Com texto da filósofa Lucia Helena Galvão e encenação de Luiz Antônio Rocha, o monólogo com Beth Zalzman foi visto por mais de 18 mil espectadores em sessões virtuais. Conhecida por confrontar as correntes ortodoxas da ciência, da filosofia e da religião, a visionária Blavatsky influenciou inúmeros pensadores e artistas

Helena Petrovna Blavatsky foi uma das figuras mais notáveis do mundo nas últimas décadas do século 19, tornando-se imprescindível para o pensamento moderno. A vida e obra desta renomada pensadora russa inspirou o monólogo *“Helena Blavatsky, a voz do silêncio”*, que estreou virtualmente, em 2020. Depois de algumas sessões pelo país, o espetáculo inicia sua primeira temporada em São Paulo, a partir de 13 de janeiro, no Teatro B32, novo complexo cultural da capital paulistana.

Estrelado por Beth Zalzman, sob a direção de Luiz Antonio Rocha, a montagem mexe com os espectadores ao instigar uma profunda reflexão sobre a busca do homem pelo conhecimento filosófico, espiritual e místico. Este é o primeiro texto teatral da filósofa e poetisa Lucia Helena Galvão, cujas palestras na internet são acompanhadas por milhões de pessoas. Após cada sessão, haverá um bate-papo com a equipe de criação – na estreia, a autora estará presente.

Helena Blavatsky foi, antes de tudo, uma incansável buscadora de sabedoria antiga e atemporal, revolucionando o pensamento humano. Sua vasta obra influenciou cientistas como Einstein e Thomas Edison; escritores como James Joyce, Yeats, Fernando Pessoa, T. S. Elliot; artistas como Mondrian, Paul Klee, Gauguin; músicos como Mahler, Jean Sibelius, Alexander Criabrin;

além de inúmeros pensadores, como Christmas Humphreys, C. W. Leadbeater, Annie Besant, Alice Bailey, Rudolf Steiner e Gandhi.

“Considerando que vivemos num período de caos mundial, no qual o fundamentalismo, as tecnologias e as crises políticas e climáticas do planeta invadem nossa dignidade com tanta violência, resgatar os pensamentos de Blavatsky é de extrema importância”, afirma Luiz Antônio Rocha. “Segundo Blavatsky, o universo é dirigido de dentro para fora, pois nenhum movimento ou mudança exterior do homem pode ter lugar no corpo externo se não for provocado por um impulso interno”, completa o diretor.



Foto: Marlon Maycon

“Interpretar Helena Petrovna Blavatsky é mergulhar no improvável, no intangível. Nada mais desafiador para uma atriz realizar um texto que demanda extrema sensibilidade, concentração e imaginação, e transporta a plateia para um universo de possibilidades”, define a atriz Beth Zalcman. *“Desde o início da minha busca pelo conhecimento através da filosofia, me deparei com pensadores que dedicaram suas vidas a buscar, compilar e transmitir ideias que entrelaçam nossas vidas e compõe parte do que somos. Esta peça é uma forma comovida e contundente para homenagear esta mulher tão especial”,* ressalta a autora Lucia Helena Galvão.

O monólogo retoma a parceria entre a atriz Beth Zalcman e o encenador Luiz Antônio Rocha, depois de *“Brimas”*, peça pela qual a atriz foi indicada ao prêmio Shell de melhor texto. A encenação propõe uma dramaturgia inspirada no conceito desenvolvido pelo artista Leonardo Da Vinci em suas obras, conhecido como *“sfumato”*. Da Vinci descreveu a técnica como: *“sem linhas ou fronteiras, na forma de fumaça ou para além do plano de foco”*.



Foto: Daniel Castro

A montagem procura nos levar do irreal ao real, das ilusões à verdade espiritual, da ignorância à sabedoria que ilumina o propósito da existência. O ponto de partida para a direção de arte, cenário e figurinos foram baseados em algumas pinturas do artista impressionista Édouard Manet que traduz com beleza a solidão deste último instante de vida de Helena.

SINOPSE

A luz da vela ilumina o cenário e revela um lugar simples no frio de Londres no final do século 19. É um recorte do quarto de Helena Blavatsky, que se encontra sozinha, no seu último dia de vida. Ela revisita suas memórias, seu vasto conhecimento adquirido pelos quatro cantos do mundo, se depara com a força do comprometimento com sua missão de vida e as consequências de suas escolhas. Relembra sua forte ligação com a Índia e seu encontro, em Londres, com Gandhi.

SERVIÇO

Monólogo Helena Blavatsky, a voz do silêncio

Temporada: De 13 de janeiro a 5 de fevereiro

Teatro B32: Av. Brigadeiro Faria Lima, 3.732 - Itaim Bibi, São Paulo / SP – Tel.: (11) 3058-9100

Dias e horários: sextas e sábados, às 21h, domingos, às 19h

Após cada sessão, haverá um bate-papo com a equipe de criação – na estreia, a autora estará presente

Não haverá sessão nos dias 20 de janeiro e 3 de fevereiro.

Ingressos: Plateia: R\$ 120 (inteira) e 60 (meia-entrada); Balcão: 80 (inteira) e R\$ 40 (meia-entrada).

Vendas na bilheteria e online:

<https://teatrob32.byinti.com/#/event/helena-blavatsky-a-voz-do-silencio>

Classificação etária: 14 anos

Instagram: [@helenablavatskyavozdosilencio](https://www.instagram.com/helenablavatskyavozdosilencio)

CIA MUNDU RODÁ ESTREIA ESPETÁCULO SOBRE O CICLO DA BORRACHA



Foto: Daniel Cunha

Em Arigós – bandeira, espinha-de-peixe, cara-de-gato, companhia paulista faz encenação inédita de Euclides da Cunha, costurando o texto com pesquisa realizada na região amazônica. A temporada acontece no Centro Cultural São Paulo, de 19/01 a 12/02

Arigós, pássaros migratórios, foi o apelido dado aos soldados da borracha que nos anos da segunda grande guerra chegaram aos bandos em terras amazônicas. Não foram os primeiros: como eles, desde o final do século XIX, milhares de nordestinos migraram do sertão para floresta, iludidos pela fortuna prometida advinda de uma árvore – *Heveas Brasiliensis* – a seringueira.

Inspirados nos textos amazônicos de Euclides da Cunha e nas histórias e depoimentos de homens e mulheres ribeirinhos, descendentes dos arigós, e que hoje são também povos da floresta, a Mundu Rodá adentra o

universo amazônico no rastro da borracha. Em “*migração criativa*”, que reflete o próprio trajeto realizado por esses migrantes, o espetáculo é um deslocamento do universo cultural nordestino, rumo à Amazônia ainda desconhecida e imaginada.

Além disso, várias atividades paralelas estão programadas para complementar a temporada de Arigós. Entre elas, uma exposição no corredor de acesso para a Sala Guiomar Guerra, com fotos e vídeos da pesquisa, além de uma série de conversas com convidados, para contextualizar tudo que acontece lá.

Foto: Daniel Cunha



Em 1904, Euclides da Cunha fez uma expedição de reconhecimento de territórios amazônicos. Sobre a viagem, ele escreveu textos esparsos, onde sobressai o tom de denúncia social das condições de vida dos migrantes nordestinos nos seringais. Seus artigos e ensaios foram publicados essencialmente em *“À margem da História”*, cuja primeira edição é de 1909, e também em *“Contrastes e Confrontos”*, de 1907. Esses textos, e outros não publicados, foram reunidos em *“Um Paraíso Perdido”* e estão na encenação do Mundo Rodá.

ADENTRANDO A MATA

A dramaturgia começou a ser construída em 2017, a partir de uma viagem à bacia do Rio Iriri, no Pará – o maior do município de Altamira, que vai desde sua nascente no sul do município, na serra do Cachimbo, até onde deságua na margem esquerda do rio Xingu. Possui novecentos quilômetros de extensão e sua largura chega a dois quilômetros.

Embora muitos exploradores e viajantes tivessem adentrado o território, então chamado de deserto demográfico, a despeito dos diversos povos originários que o habitavam, a exploração da borracha foi a primeira grande ferida aberta na Amazônia: construiu cidades e a riquezas de alguns, significou conflito, morte e miséria para tantos outros, esquecidos e apagados pela história.

A dramaturgia foi escrita a muitas mãos – quem assina o texto final é Murilo de Paula, sob direção de Antonio Salvador. No elenco estão Juliana Pardo, Alício Amaral, musicista e músico em cena, Amanda Martins e Henrique Menezes, além de convidados. O espetáculo combina atuação com muita presença musical e dança, característica da Mundu Rodá, além

de exibir projeções do material de arquivo registrado durante a fase de pesquisa.

ESTRUTURA

Arigós é dividida em três partes, movimentos que situam o público no ciclo da borracha. A ideia da dramaturgia é confrontar textos de Euclides da Cunha – que trazem uma visão heroica e romântica da Floresta Amazônica, quase estrangeira – com os relatos atuais, de pessoas que habitam e vivem dela nos dias de hoje.



Foto: Felipe Stucchi

No primeiro movimento há uma contextualização do que foram os ciclos da borracha, períodos de grande migração para a região amazônica, levando populações de várias regiões do país para explorar a Mata.

No segundo movimento, os artistas encenam pela primeira vez o texto *“Judas Ahsverus”*, de Euclides da Cunha. A obra é falada quase na íntegra, provocando o choque entre o erudito e a interpretação não convencional.

O terceiro movimento mostra ao público, através de visões mais desconstruídas, vozes múltiplas de pessoas que habitam à margem do Rio Iriri. Nesta parte, a encenação faz uma espécie de *“revolta da Hileia”* (nome pelo qual também é conhecida a floresta amazônica), querida por Euclides da Cunha em seus escritos. Porém, em Arigós, a ideia é dar voz e trazer à luz as vivências dos povos ribeirinhos, sem idealizações e com suas próprias culturas.

Este projeto foi contemplado pela 13ª Edição do Prêmio Zé Renato de apoio à produção e desenvolvimento da atividade teatral para a cidade de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura.

SOBRE A MUNDU RODÁ

A Cia. Mundu Rodá (Brasil, São Paulo) foi fundada em 2000 pelos artistas Juliana Pardo e Alcício Amaral; nasceu da inquietude de experimentar outras visões de mundo, divergentes daquelas que são oficialmente impostas. Nesses anos de giros pelos Brasis afora, os artistas constataram que o aprendizado e a criação artística não são instâncias isoladas. *“As manifestações cênicas tradicionais, as festas e os ritos são manifestações estéticas, re-*

ligiosas, sociais e políticas, porque refletem o modo como a comunidade entende as relações de convivência de seus indivíduos em várias esferas da vida”, afirmam.

A Cia possui um trabalho continuado de pesquisa que, desde seu surgimento, tem contribuído para um movimento das artes brasileiras contemporâneas que se pensam para além dos padrões eurocêtricos de criação e modos de produção. O grupo vem construindo uma linguagem cênica própria a partir da observação, inter-relação e prática com as *Danças Dramáticas Brasileiras* e o *Trabalho de Artistas Intérpretes*, nas áreas do Teatro, Dança e Música.

SERVIÇO

Espectáculo Arigós – bandeira, espinha-de-peixe, cara-de-gato

Cia Mundu Rodá

Temporada: De 19 de janeiro a 22 de fevereiro, quinta a sábado às 21h, e domingo, às 20h

Local: Centro Cultural São Paulo – Sala Ademar Guerra – Porão – Rua Vergueiro, 1000, Paraíso, São Paulo / SP

Ingressos: Gratuitos – Retirada de ingressos na bilheteria, 1h antes da sessão | *Duração:* 80 minutos

Recomendação: 12 anos | *Lotação:* 80 lugares

Para seguir a Cia Mundu Rodá nas redes:

[@munduroda](#) (Instagram) | www.munduroda.com





O CINEMA DE TIM BURTON
A PARTIR DO DIA 4 NO CCBB RJ

Exibição de 42 filmes no cinema do Centro Cultural, entre títulos dirigidos, produzidos e que influenciaram a carreira de um dos mais populares e importantes cineastas contemporâneos. A programação inclui ainda debate, masterclass, palestra, cosplay e muita diversão

A retrospectiva *O Cinema de Tim Burton* abre a programação de 2023 do cinema do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, de 4 de janeiro a 6 de fevereiro. A mostra exibirá 42 filmes, sendo 23 títulos dirigidos por Tim Burton, um inspirado em uma de suas histórias e mais uma seleção de 18 longas metragens que são referências na carreira do diretor (devidamente avalizada pelo próprio!). O Banco do Brasil patrocina o projeto.

Será a maior mostra de filmes já realizada no Rio de Janeiro dedicada ao cineasta, que recebeu o Leão de Ouro pela sua carreira no Festival de Veneza de 2007. Com obras inesquecíveis, que se tornaram clássicas, sucessos de público e de crítica, a retrospectiva apresentará desde um dos primeiros filmes de Tim Burton, o premiado curta *Vincent* (1982), uma homenagem a Vincent Price, ídolo do diretor, até o remake de *Dumbo* (2019); passando por oito títulos estrelados por Johnny Depp, seu mais frequente colaborador, que encarnou personagens icônicos como *Edward Mãos de Tesoura*; seis longas com a participação da atriz Helena Bonham Carter, ex-companheira de Burton e mãe de seus dois filhos, entre eles *A Noiva Cadáver* e *Alice no País das Maravilhas*; *Os Fantomas se Divertem* (1988), o primeiro longa com Michael Keaton, que depois estrelaria *Batman* (1989), o maior sucesso de bilheteria de Burton,



Still de *Edward Mãos de Tesoura*

Foto: Fox

e *Batman: o retorno* (1992); e, ainda, o filme preferido de Burton, *Ed Wood* (1994), entre muitos outros títulos para o cinema, num total de 19 longas e dois curtas.

O público também terá a oportunidade de assistir duas produções de 1982 para televisão dirigidas por Tim Burton,

que está no ar atualmente com a série *Wandinha: João e Maria*, especial feito para a Disney; e O teatro dos contos de fadas: *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, clássica série produzida e apresentada pela atriz Shelley Duvall, que já foi apresentada nas TVE e TV Cultura.

Complementando essa seleção especial, serão exibidos também *O Estranho Mundo de Jack* (1993), de Henry Selick; 18 filmes dirigidos por ídolos de Burton como Roger Corman – *A Pequena Loja dos Horrores*

(1960), *O Corvo* (1963), entre outros, Ed Wood – *Plano 9 do Espaço Sideral* (1959), e James Whale – *A Noiva de Frankenstein* (1935).

Além da exibição dos filmes, a mostra promoverá diversas atividades extras, todas gratuitas: o debate “*O estranho mundo de Tim Burton*”, com a professora e diretora de arte Beth Jacob, o jornalista e crítico de cinema Leonardo Luiz Ferreira e a mediação do curador da mostra Breno Lira Gomes; a palestra “*Batman na visão*



Still de Vincent



Still de *Marte Ataca*

Foto: Warner

de *Tim Burton*”, com o crítico e cineasta Mario Abbade; a masterclass “*O gótico estilizado – a literatura gótica no cinema de Tim Burton*”, com o professor e curador Eduardo Reginato; caracterização com maquiagem para o público; e participações de cosplays de personagens icônicos de Burton.

Serão realizadas também sessões com recursos de acessibilidade (audiodescrição e legenda descritiva) dos filmes *Batman*, *Edward Mãos de Tesoura* e *A lenda do cavaleiro sem cabeça*, com entrada franca. Para essas sessões, a palestra e a masterclass, serão distribuídas senhas a partir de meia hora antes do evento.

“*Tim Burton é um cineasta que tem fãs espalhados em todo o mundo. Seus filmes são muito marcantes visualmente. E de sua mente saíram histórias e personagens fantásticos como Edward Mãos de Tesoura e Beetlejuice. Personagens que hoje fazem parte do imaginário dos cinéfilos*”, comenta o idealizador e curador da mostra, o jornalista Breno Lira Gomes.

Still de *O estranho mundo de Jack*

Foto: Disney

SERVIÇO

Ciclo O Cinema de Tim Burton

Curadoria: Breno Lira Gomes

Produção: BLG Entretenimento

Realização: Centro Cultural Banco do Brasil

www.bb.com.br/cultura

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

De 4 de janeiro a 6 de fevereiro de 2023,

quarta a segunda (fecha terça)

Rua Primeiro de Março 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Sala de Cinema 1 (102 lugares, sendo 4 para cadeirantes)

Tel.: (21) 3808-2020

Ingressos: R\$ 10 | R\$ 5 (meia) – disponibilizados às 9h do dia da sessão na bilheteria física ou em bb.com.br/cultura





ABAKANS

MAGDALENA

ABAKANOWICZ

NA TATE

MODERN,

LONDRES

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato

Magdalena Abakanowicz,
Abakan brown, 1969/72

A exposição Magdalena Abakanowicz – EveryTangle of Thread and Rope na Tate Modern mostra o desenvolvimento da artista de meados da década de 1950 até o final do século, começando com desenhos para tapeçarias, testes de cores para tecidos decorativos, até se expandir em esculturas gigantes que formam parte de grandes instalações

Magdalena Abakanowicz ganhou a medalha de ouro da 8ª Bienal de São Paulo com *Helena*, obra têxtil de grande escala feita em algodão, sisal, lã e crina. A artista escreveu: “Meus trabalhos fizeram a viagem à Bienal de São Paulo sem mim... Sem passaporte, sem

dinheiro, sem permissão para ir. Eu estava em casa, como se estivesse ausente... Quando soube que tinha recebido o prêmio da Bienal, achei uma ofensa, um erro, um mal-entendido. Um prêmio por um protesto parecia muito banal...”

Magdalena Abakanowicz, *Helena*, 1964/65





Magdalena Abakanowicz, *Abakan orange*, 1971

Helena é um protesto contra as convenções e disciplinas da história da arte e parte de uma série sobre mulheres mitológicas.

O sucesso internacional levou Abakanowicz a questionar tudo que havia feito até então. Ela renuncia o uso da cor para privilegiar o preto e o marrom escuro, constrói relevos com pedaços de tecidos que crescem aleatoriamente e libera suas composições que ficam suspensas e penduradas livremente no espaço.

A artista não queria o rótulo de função utilitária têxtil ou escultura para seus trabalhos. Queria que o espectador

penetrasse através das aberturas e rachaduras no interior íntimo da obra criando uma unidade entre os dois. O resultado do seu questionamento gerou formas tridimensionais radicalmente diferentes de qualquer outra arte.

SOBRE A ARTISTA

Nascida em 1930 em uma família aristocrática, Abakanowicz passou sua infância nas florestas e campos da propriedade rural de sua família e vivenciou os horrores da guerra quando adolescente. Estudante de arte na Polônia comunista do pós-guerra seguiu seu próprio caminho, negociando as restrições políticas, culturais e estéticas impostas pelo regime.



Magdalena Abakanowicz, *Hand*, 1976

Abakanowicz começou a usar o sisal das cordas para tecer seus trabalhos quando outros materiais eram menos disponíveis. Ao longo do rio Vístula, o mais longo rio da Polônia, era possível encontrar cordas velhas e descartadas. Elas tinham sua própria história e mais tarde se tornam um elemento importante de suas instalações.

*“Estou interessada
em cada emaranhado
de linha e corda
e toda possibilidade
de transformação”*

Magdalena Abakanowicz

Magdalena viu a fibra *“como o elemento básico que constrói o mundo orgânico... o tecido das plantas, das folhas e de nós mesmos, nossos nervos, nossos códigos genéticos... Somos estruturas fibrosas”*.

Os materiais de Abakanowicz deram a ela uma grande flexibilidade, além de ter todos os tipos de associações cotidianas e simbólicas. A crítica de arte Hanna Ptazkowska cunhou a palavra *Abakans* (em homenagem ao nome da artista) pela primeira vez em 1965 para se referir as estranhas formas tridimensionais que podem ser dobradas e empilhadas. Quando abertas, se tornavam imensas formas independentes penduradas em grupos. Abakanowicz trabalhou em uma de cada vez, mas depois de alguns anos ficou claro que ela estava gerando uma tribo inteira dessas presenças envolventes.

Na minha visita à exposição vi uma floresta com árvores de troncos ásperos, mas suas formas verticais davam também uma ambivalência humana e/ou da natureza.

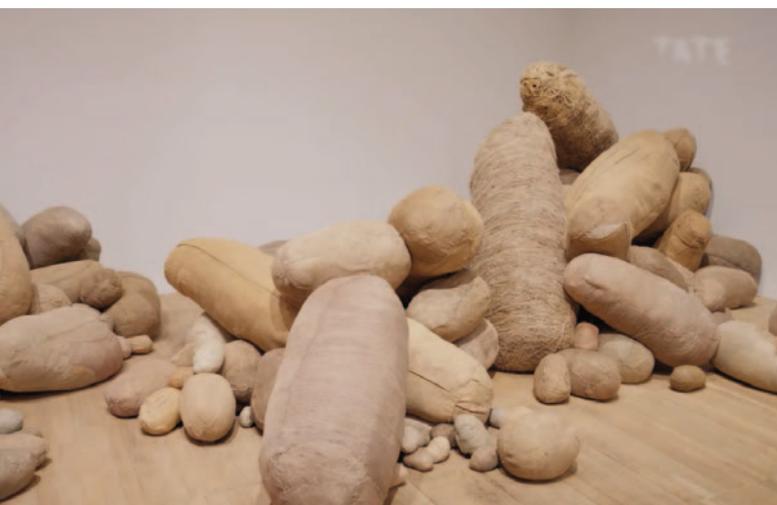
Para proteger as esculturas, não se pode mais entrar nelas, entrar na escuridão e ver as luzes da galeria como uma constelação através do tecido. Uma pena! Só de estar ao redor delas fui transportada para um espaço mágico, misterioso. Penso que provavelmente eu não iria querer sair do interior das esculturas, caso pudesse entrar – um espaço estranho que por sua escala (cinco metros) e associações me dão segurança, proteção.

Parte do filme *Abakany* (1969), que a artista fez com o diretor de cinema de vanguarda Jarosław Brzozowski (1911-69) e o compositor experimental Bogusław Schäffer (1929-2019, mostra uma estranha paisagem lunar da costa báltica da Polônia em justaposição com suas obras. As cenas de interiores exibem Abakanowicz trabalhando em seu estúdio e o espaço de galeria montando seus Abakans.

Cansada de ser rotulada como uma artista têxtil, Magdalena começou a fazer uma nova série de trabalhos intitulada *Embriologia*.



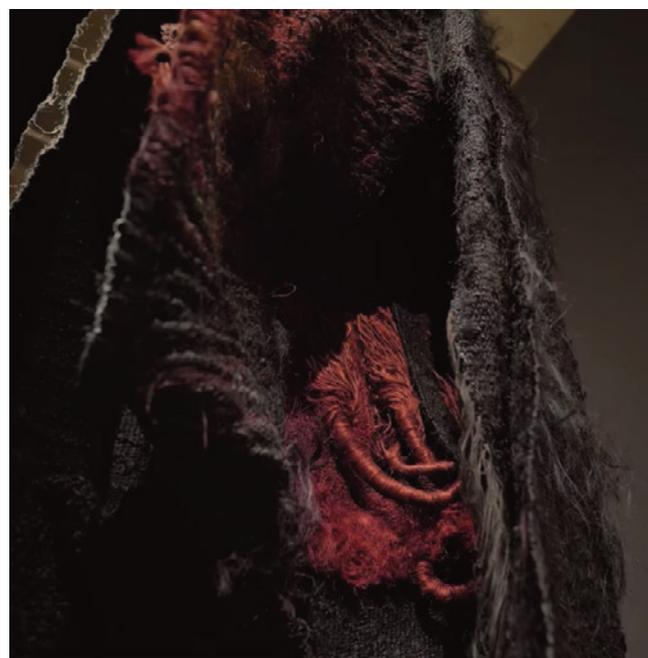
Still do filme *Abakany*, in filme de divulgação da exposição, ©Tate Modern



Magdalena Abakanowicz, *Embryology*, 1980
Still do filme de divulgação da exposição,
©Tate Modern



Na Bienal de Veneza de 1980, ela mostrou 800 dessas formas no pavilhão nacional polonês. Parecendo algum tipo de embriões monstruosos, como o nome sugere, sua existência é bastante visível nesta exposição: espalhadas em um canto da galeria se assemelham a ovos em um ninho, juntamente com várias peças penduradas semelhantes a um útero.



Embora Abakanowicz não se identificasse como feminista, suas esculturas foram vistas por curadores e escritores como emblemáticas de poderosas imagens associadas ao feminino. Nascimento, vida, vulnerabilidade e decadência são sugeridos por formas que lembram ninhos, úteros e ovos.

Magdalena Abakanowicz, *Desenhos*

Magdalena Abakanowicz impressiona pelo seu uso monumental de escala, utilização das propriedades dos materiais e a conexão emocional entre os materiais usados e o contexto de seu trabalho.

<https://www.abakanowicz.art.pl/>

SERVIÇO

Exposição *Magdalena Abakanowicz: Every Tangle of Thread And Rope*

Até 21 de maio – Tate Modern, Londres

<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/magdalena-abakanowicz>



ANEGADA, UMA ILHA (QUASE) FORA DO MAPA

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Vale a pena deixar de lado os nomes mais famosos das Ilhas Virgens Britânicas para curtir o modus vivendi de uma das ilhas fora da mira do radar

Mesmo só tendo ancorado lá por um dia, e isso há vinte anos, confesso que de todas as 60 ilhas que formam o bucólico arquipélago das Ilhas Virgens Britânicas, Anegada foi a única que nunca me fugiu da memória. Pensando bem, talvez seja devido ao seu nome esdrúxulo, daqueles que, mesmo contra a sua vontade, fica quase impossível esquecer. Não, claro que não é só o nome, cujo significado no idioma de Cervantes quer dizer "*afundada*". Faz jus, aliás, pois isso se deve ao fato dessa ilha de origem coralina estar a apenas 10 metros acima do nível do mar, ou seja, de longe Anegada fica praticamente imperceptível. Que o digam os primeiros

navegadores espanhóis há alguns séculos atrás, ao descobrirem uma faixa de terra de 13x3 milhas, cercada por uma correnteza traiçoeira, águas rasas e uma intransponível barreira de corais.

Ao vasculhar o baú mental das recordações, me dei conta de que Anegada tinha um carisma inerente, capaz de causar uma forte impressão em qualquer visitante. Embora seja a terceira maior ilha da região, se comparada a glamorosa Virgin Gorda ou a animada Tortola, ela é, sem sombra de dúvida, a ilha com mais *persona* que conheci. E também a mais pitoresca, enraizada de

Horseshoe Reef

Foto: TripAdvisor / Shreker



tal modo em seu ritmo de vida e rotina do dia a dia que os seus 240 habitantes mal percebem que o mundo mar afora já gira em outra cadência há décadas.

Quanto ao arquivo de imagens embaçadas pelo tempo, aquelas que surgem espontaneamente diante dos olhos quando a gente quer lembrar algum lugar excepcional, pois bem, elas retratavam uma ilha alinhavada por praias encantadoras e muitas, muitas, muuuuitas lagostas. Lagostas?! Sim, Anegada é reputada pelos seus viveiros e conseguiu transformar o crustáceo em sua marca registrada. Ou cria da casa, se preferir.

Então não foi por motivos toscos que fiquei extremamente animada quando surgiu a oportunidade de voltar a pisar naquela ilha por ocasião do *II Festival da Lagosta*, no comecinho de dezembro. Este evento, que se realizou pela primeira vez no final do ano de 2013, foi criado com a intenção de angariar mais turistas para aquelas bandas, e promover Anegada como um nicho gastronômico, todavia bastante pontual. Só que transformar um *modus vivendi* pacato num ambiente festivo de balada é o grande desafio dos mentores e organizadores locais desse festival. E bota desafio nisso...



É preciso salientar que Anegada sempre se manteve naturalmente segregada pelos corais que impedem ou pelo menos dificultam ao máximo o acesso. Consequentemente, acaba que ela fica fora da mira dos holofotes, limitando o número de visitantes a velejadores mais intrépidos que precisam ter destreza no timão. Basta dizer que no sudeste da ilha, numa extensão de quatro quilômetros conhecida como *Horseshoe Reef*, constam nada menos que 300 naufrágios. Entrar de barco, séculos após os pioneiros espanhóis, ainda exige cuidados extremos.

Primeiro, o tempo tem que estar bom, com sol a pino, para que você possa enxergar o fundo do mar. O ideal é zarpar de North Sound, em Virgin Gorda, por volta das 8h30 e seguir à risca a carta náutica. Ao se aproximar de Anegada, certifique-se de estar entre Pomato e Setting Point, além das boias vermelhas que identificam a entrada. É o único ponto de acesso livre dos corais. E não dispense o croque no final do processo de manobra, para evitar arranhões na quilha.

Por outro lado, quem não está de barco fica dependendo da balsa que sai de Tortola de quando em





quando, nem todos os dias e nem toda hora. Em certas ocasiões, o mar não está nem para peixe e muito menos para balsas. E como os aviõezinhos que decolam de BeefIsland para fazer o trajeto de 15 minutos até Anegada costumam levar apenas cinco ou seis passageiros, já viu que não é tão óbvio chegar lá.



Traduzindo em miúdos, 8h45m, 2hs30m, 45 minutos, 12 minutos – em 4 aviões – esse foi o tempo exato que demorei para voar do Brasil e aterrissar em Anegada. Maratona, sim, mas vale o esforço. Ao desembarcar do bimotor da Viairlink, você se depara com um aeroporto do tamanho de uma casa de bonecas. A sensação é de ter sido transportado para um lugar completamente segregado do resto da civilização globalizada. E, pasmê! a sensação não poderia ser mais acalentadora. Até mesmo reconfortante, mágica.



E para quem tinha vagas lembranças visuais, foi como ajustar o foco da máquina fotográfica: bastou um olhar panorâmico no cenário e a jornada de 25 minutos na boleia do taxitruck para conferir que nada (ou quase nada) havia mudado desde 1994!!! Durante o trajeto pela única estrada asfaltada que circunda a ilha, notei apenas a presença de mais algumas casitas de madeira, certamente para veranistas, e sempre construídas naquele simpático estilo arquitetônico caribenho, com cores vivas e varandas aconchegantes.

Pelo caminho, cruzamos com dois veículos, uma moto, uma vaca perambulando sem rumo e cinco cabritos. Só. E depois de sacolejar mais um bocado, finalmente chegamos ao Anegada Beach Club. Nosso hotel é um dos estabelecimentos mais confortáveis e promissores, ainda que básico. Os quartos todos têm ar condicionado, televisão, cama king size, muitos travesseiros e até amenidades L'Occitane. A localização é divina: vinte passos separam você de uma praia deserta quilométrica.

O Festival da Lagosta só começaria dois dias depois, o que significava tempo de sobra para explorar Anegada. No programa, visita ao santuário de flamingos rosas, uma voltinha pelo Settlement, única vila e onde habitam quase todos os 250 moradores, e, claro, provar biritas típicas como o *Pain Killer* (uma mistura de rum, noz moscada, suco de laranja e suco de abacaxi), e o ceviche de *conch* – um molusco gigantesco que se espalha por todos os cantos e que se tornou uma iguaria típica. Mas, com a temperatura acima dos 35 graus, o melhor mesmo seria tirar o máximo de proveito da dobradinha praia-e-sol. Para boas braçadas, a

água do mar, tépida e transparente como gim, também seduz. Porém, mesmo com poucas ondas, é uma atração perigosa devido à forte correnteza.

Os (poucos) turistas que circulam pela ilha, conhecendo praia após praia, se deslocam em vespas e os mais dispostos de bicicleta. Tudo, inclusive carros, se aluga perto do único ancoradouro em Setting Point. Espalhados por ali você encontra também o terminal de ferry, e as lojinhas de souvenirs, com as bugigangas de sempre: cangas, shorts, camisetas, bonés, bonecos e algum artesanato. Me surpreendeu encontrar charutos cubanos, e dos bons, porém caros: paguei U\$ 10 por um Cohiba.

Se estiver naquela área, você pode tomar café, almoçar ou jantar no restaurante do hotel mais antigo da ilha, o *Anegada Reef*, cujas estrelas são devidas a localização privilegiada muito mais do que pelas suas acomodações, instalações ou serviços. Juntinho ao mar, é um *point* ideal, de onde você pode observar o vai-e-vem de barcos, de gente, dos pescadores e a manipulação dos viveiros de lagostas. Um píer de madeira forma



uma marina composta por um bar, uma sorveteria e uma loja de equipamentos de mergulho. Mais adiante, delineando o mar, você pode caminhar numa nesguinha de areia bordada por dois ou três restaurantes, nos quais os pratos a base de lagosta são os mais alardeados.

Diante da vegetação rasteira que encobre tudo que não é arenoso – uma paisagem que não mudou em nada ao longo de duas décadas – a pergunta é inevitável: *porque ainda não se planta nada em Anegada?* Certamente não é por falta d'água, pois me lembrei que além de um eficiente sistema de dessalinização, a ilha tem várias lagoas, açudes e poços de água doce. A resposta, dada pelo nosso simpático motorista de táxi-truck, é de que *"plantar dá muito trabalho"*. Nada mais adequado para traduzir a índole fleumática dos ilhéus.

De quebra, falta uma certa intimidade com as horas, compromisso é uma metáfora, pontualidade uma palavra inócua e a noção de tempo algo um tanto ou quanto abstrata e vaga. E você acaba se acostumando, com um sorriso condescendente. Em Anegada, quando se fala em 10 minutos, isso pode significar, na prática, duas horas. Aplicado a um evento gastronômico, como este festival de lagostas, basta dizer que a matéria prima é de primeiríssima, mas ainda falta uma certa otimização em muitos quesitos de ordem prática.

Na manhã de sábado já começaria o burburinho para os preparativos e um frenesi tomou conta geral do ambiente. Afinal, esperavam mais de mil convivas durante o final de semana, oriundos de Tortola em sua grande maioria.



Nesta segunda edição do Festival, o consumo de lagosta foi estimado em 1000 quilos. O evento é planejado da seguinte maneira: todos os restaurantes da ilha, cerca de 10, são convidados a participar, e cada *chef* prepara três receitas, todas, claro, a base de lagosta e conforme a sua especialidade. O preço é fixo, U\$ 12 por três pequenas porções. Vale servir o crustáceo em bisque, ensopado, grelhado, em wrap, numa salada...

Os comensais começam o *"tour"* degustativo antes mesmo do meio dia e seguem de um restaurante para o outro, se deslocando de carro próprio ou taxi-truck, com bilhetes pré-pagos. Cada pessoa ganha um colar de cores diferentes ao terminar o prato. Depois de comer no *Neptunes*, por exemplo, você sai com um colar laranja pendurado no pescoço; o restaurante *Cowreck* vai oferecer um verde, e assim por diante. A ideia é para depois votar no prato predileto.

Alguns velejadores franceses, que se fartaram de tanto comer lagosta, também ficaram entusiasmados com o festival e mencionaram que um projeto semelhante poderia ser implantado em Cancale, uma região da Bretanha famosa pelas suas ostras. Quem sabe, Anegada, em sua genuína estrutura e personalidade selvagem marcante, acaba se tornando uma fonte de inspiração?

PERNAMBUCO EM FESTA



A Mulher Monstro

Foto: Bruno Martins

A partir do dia 10 acontece o
29º JANEIRO DE GRANDES ESPETÁCULOS
plural e democrático

A um ano de virar balzaquiano e alinhado ao pensamento do escritor francês Honoré de Balzac em apontar esta faixa etária como o momento do auge poético, o Janeiro de Grandes Espetáculos – Festival Internacional de Artes Cênicas e Música de Pernambuco – faz jus à visão do autor e traz, na maturidade de sua trajetória, uma programação extensa, democrática, diversificada e acessível, de 10 a 29 de janeiro

O evento acontece em 17 equipamentos culturais do Recife, Olinda e interior, com programação que abraça teatro adulto, infantojuvenil, dança, música e circo, além dos festivais de PalhaçAria e Pole Dance, que fazem parte da programação pela primeira vez. No total serão 79 atrações e a estimativa de público durante todo o evento é de 20 mil pessoas para o festival que contará com 103 apresentações, 969 artistas e criadores, 234 técnicos e cenotécnicos de teatros. Dezesete equipamentos culturais (no interior e Grande Recife) serão palco da 29ª edição da maratona cênica que acontece em 10 cidades.

No Recife, os espetáculos acontecem no Teatro de Santa Isabel, Teatro do Parque, Teatro Luiz Mendonça, Teatro Barreto Júnior, Teatro Apolo, Teatro Hermilo Borba Filho, Teatro Marco Camarotti e Teatro RioMar. Olinda estreia na grade por meio do Teatro Fernando Santa Cruz. Com a já conhecida proposta de interiorizar suas ações, o JGE tem várias apresentações em outras oito cidades: São Benedito do Sul, Caruaru, Garanhuns, Triunfo, Buíque, Arcoverde, Surubim e Petrolina.

Nas artes cênicas, foram escolhidas obras que dialogam com o interior de cada indivíduo, pautam questões co-



Herança da África
Foto:
Tiago Ferreira

letivas, preservam manifestações culturais e evocam a imaginação. Os espetáculos de dança, por sua vez, desafiam o corpo a contar histórias, a subverter verdades absolutas, despertar sensações. Quanto às atrações musicais, a programação é composta por ritmos que transitam entre os gêneros clássico, raiz e contemporâneo. As manifestações circenses aparecem como uma ode a um reencontro com a criança que há dentro de cada um, alcançando uma dimensão profunda da compreensão humana.

Como a arte, sua beleza e riqueza transcendem as fronteiras geográficas, o evento reúne artistas de diversas regiões de Pernambuco, de dentro e de fora do Brasil. Companhias de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraíba, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte, além de artistas de Portugal, estarão presentes.

ESPETÁCULOS

A abertura do *Janeiro de Grandes Espetáculos* já chega



Cúmplices – Transgressões de um Ricardo III
Foto: Moncho Rodriguez

com uma novidade: a mudança de local. Saindo do Teatro de Santa Isabel, aporta no Marco Camarotti, dia 10 de janeiro, com a estreia do espetáculo “*Cúmplices - Transgressões de um Ricardo III*” (Recife/Portugal). Dentro do JGE, a obra segue para giro em Surubim, Caruru, Garanhuns, Arcoverde, Buíque, Triunfo e Petrolina após o Recife.

Em 2023, o festival conta com uma profusão de espetáculos inéditos (mais de 20), além de reapresentações esperadas. As artes cênicas, principal linguagem contemplada, chegam com atrações tanto para o público adulto quanto infantojuvenil. Em cena, coletivos tradicionais da cena teatral pernambucana, como a *Cia. do Ator Nu* e o *Angu de Teatro*, que realiza a *Maratona Angu*, apresentação de três espetáculos aclamados – “*Ossos*”, “*Ópera*” e “*Angu de Sangue*”–, enquanto artistas de outras localidades vêm com suas produções, a exemplo do Rio de Janeiro (“*Você não é Todo Mundo*”, de Ricardo Villardo e Marcos Nauer); de



O Gaioleiro
Foto: Raphael Gustavo



Tudo é Amor – Almério canta Cazuzza
Foto: Ana Stewart

Limoeiro (“*E, Antes de Tudo, Seria o Fim*”, da Companhia de Eventos Lionarte); e Vitória de Santo Antão (“*O Gaioleiro*”, da Cia Experimental de Teatro).

Na dança, presença também de outras cidades e estados, como *Coletivo Trippé*, de Petrolina; *Geda Cia de Dança Contemporânea*, do Rio Grande do Sul, e Carolina Moya com o espetáculo “*Eu Não Sou Daqui*”, de Piracicaba (SP). Na música, estão programados shows de artistas locais, como *Mundo Livre S/A*, comemorando os 30 anos do *Mangubeat*; Almério, com “*Tudo é Amor*”; Silvério Pessoa, com “*Sangue de Amor*”; Martins com seu “*No Parque*”, Beto Hortis, que estreia seu projeto instrumental, e Vertin Moura, multiartista arcoverdense que encerra, no JGE 2023, a turnê estadual do seu segundo disco, “*Pássaro Só*”.

As artes circenses terão grandes representantes. O mágico Rapha Santa Cruz traz “*Abracasabra*”, combinando humor e interatividade. Já a tradicional compa-

nhia recifense *Dois em Cena* chega com “*Enquanto Godot Não Vem*”. Recifense também é a *Cia. Devir*, com “*Experimento VI: Isso (Não) é um Número de Circo!?*”, espetáculo que tem como base referências autobiográficas dos artistas no palco.

O festival tem colocado entre suas prioridades o compromisso com o respeito e apoio à comunidade LGBTQIAP+, garantindo maior diversidade em sua programação. Entre os destaques desta edição, três espetáculos: “*Eternamente Bibi*”, da *Cara Dupla Coletivo Teatro* (Paraíba), “*O Boteco da Dona*”, da *Amotrans-PE (Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco)* e “*Ópera*”, do *Coletivo Angra de Teatro*.

Paulo de Castro, produtor geral do evento e presidente da *Apacepe (Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco)*, realizadora do JGE, diz que este fluxo de diversificadas produções atende, justamente, ao propósito com que o festival foi criado. “*Nosso ob-*

jetivo sempre foi abrir mercado, tanto nacional quanto internacional. Já trouxemos espetáculos de locais como Suécia, Eslováquia, Espanha e até China, além de países da América do Sul como Chile e Equador. Neste intercâmbio, chegamos a levar 12 a 13 grupos para a Argentina e para o norte de Portugal”, exemplifica.

FESTIVAIS DENTRO DO FESTIVAL

PalhaçAria – Festival Internacional de Palhaças do Recife 4ª Edição – Versão Pocket

Idealizado e realizado pela *Cia Animèe* (Recife), o festival promove a sua 4ª edição em uma versão pocket. Uma semana inteira de palhaçaria feminina para realçar o humor feminino e suas nuances. O evento reúne uma mostra de trabalhos solo e em grupo, além de promover fórum de discussão (online) em torno do tema da palhaçaria e comicidade pretas, com as participações de Mariana Gabriel, artista e palhaça paulis-

tana, e de Raquel Franco, artista e palhaça pernambucana, com mediação de Alessandra Nogueira. Participam desta edição as palhaças residentes em Pernambuco Ana Nogueira, Enne Marx, Fabiana Pirro, Juliana de Almeida, Luiza Fontes, Mayra Waquim, Paula de Tássia, Raquel Franco e Silvinha Goes; além da artista e pa-lhaça paulistana Gabi Winter, com o espetáculo “*Catadora de Ilusões*”.

II Festival de Pole Dance de Pernambuco

Em 2021, o JGE acolheu o primeiro festival deste gênero da dança, idealizado pela coreógrafa pernambucana Alexandra Valença, considerada pela mídia como a Rainha do Pole Dance no Brasil. Este ano, ela volta com o festival, que será realizado em evento único, dia 13 de janeiro, no Teatro do Parque. Em cena, 30 artistas farão suas performances em barras estáticas e giratórias, com números de força, técnica e graciosidade, e participação de homens e crianças.

HOMENAGEADOS

Valorizar a classe artística, reconhecer importantes representantes da arte no estado. Com estas premissas, os troféus serão entregues em cerimônia no Teatro Apolo, no dia 27 de janeiro, para os seguintes nomes: na música, a reverência irá para o multiartista Helder Vasconcelos, natural de Garanhuns, integrante da banda *Mestre Ambrósio*. A *Família Denis*, por sua vez, é a homenageada na linguagem do circo. O mágico *Mister Denis* é natural de Amaraji, Pernambuco, e já inte-



Mary En Virtual Mood, PalhaçAria Pocket
Foto: Rogério Alves

grou diversas companhias. Há dois anos, a Família Denis é composta pelos artistas Carlos Airon e Eronildo de Melo (malabarismo, palhaçaria e mágica), e Maria Gabriela (perna de pau).

Na dança popular, caberá a Valdeck Farias receber o troféu. O professor e coreógrafo tem 54 anos de idade, dos quais 36 dedicados à área cultural. Já atuou como comissão de frente da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel.

O prêmio dedicado às artes cênicas é, na verdade, de Resistência Teatral e é destinado a *O Poste Soluções Luminosas*, grupo de artistas negros, cuja produção artística e suas pesquisas teatrais são calcadas no resgate antropológico, onde sua poética é a matriz africana.

AÇÕES PARALELAS

Além dos espetáculos, o 29º JGE promove outros eventos, a exemplo do lançamento do CD *“Frevo de Bloco Alegria do Povo – Vol 2”*, de Aguinaldo Ferreira, artista recifense. O momento, que acontece no dia 29 de janeiro, no Teatro do Parque, terá o desfile de dez blocos líricos. A apresentação terá a sua renda revertida para o Abrigo Cristo Redentor, em memória de Maria Haydée.

O festival contará, ainda, com a realização do fórum online *“Pesquisa e Práticas Artísticas – Comichades Pretas”*. Será dia 28 de janeiro, no YouTube da Rede de Festivais de *Palhaças do Brasil*. Haverá tradução em Libras. Também integra o festival, o lançamento do livro *“Memórias de Hospital: Relatos de Uma Palhaça*

Apixonada”, de Enne Marx, dia 26 de janeiro, no Teatro de Santa Isabel, com entrada gratuita.

PRÊMIO JGE DE TEATRO, DANÇA, CIRCO E MÚSICA DE PERNAMBUCO

Este ano, o Prêmio JGE de Teatro, Dança, Circo e Música de Pernambuco será concedido a 25 profissionais de diferentes linguagens. Cinco deles, além do troféu, também receberão premiação em dinheiro, R\$ 2 mil cada.

O *29º Janeiro de Grandes Espetáculos* é uma realização da Apapepe – Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco, com produção executiva da Fervo Projetos, Roda Cultura e Cordas Cênicas; apresentação da Prefeitura do Recife por meio da Fundação de Cultura da Cidade do Recife e Secretaria de Cultura do Recife.



Foto: Aguinaldo Severino Vila Nova



Carmela Gross, *Quadrantes*, 1990

Foto: Divulgação

"TRIDIMENSIONAL: ENTRE O SAGRADO E O ESTÉTICO",
um recorte da coleção de Vera e Miguel Chaia

Com curadoria de Miguel Chaia, Laura Rago e Gustavo Herz, a mostra na Arte132 Galeria, SP, contempla 46 obras de 35 artistas brasileiros, entre os quais Carmela Gross, Tunga, Leda Catunda e José Resende. A abertura acontece no dia 14 de janeiro



Dividida em dois pilares, o sagrado e o estético, *Tridimensional* mescla de forma não-linear os temas centrais. Supõe-se que cada artista ou obra se aproxima ora mais ora menos do sagrado ou do estético; em algumas obras, o sagrado pode ser mais explícito e, em outras, menos.

O conceito de sagrado é aqui entendido no seu significado amplo de religioso, venerável, ritualístico, mítico, alquímico e metafísico — centrado nas questões do corpo e da sociabilidade, e aparece representado por cinco elementos — sangue, vinho, água, fogo e alimento. O estético é compreendido como a linguagem que, no desenvolvimento histórico da arte, em um processo autônomo e profano, opera revoluções nas formas de expressão, rompendo claramente vínculos com áreas externas à própria arte. O tridimensional aparece em restrito relacionado à forma das telas, objetos e esculturas — todas as obras apresentam três dimensões e/ou perspectivas de relevo.

Para o artista plástico Donald Judd, *“a tridimensionalidade simula e aumenta o objeto real, para equipará-lo a uma forma emocional. A metade, ou mais, dos melhores novos trabalhos produzidos nos últimos anos não são nem pintura nem escultura. Frequentemente, eles têm se relacionado, de maneira próxima ou distante, a uma ou a outra. Os trabalhos são variados e, dentre eles, muito do que não é nem pintura nem escultura também é variado”*, explica Judd. Para ele, esses novos trabalhos tridimensionais não constituem um movimento, escola ou estilo, mas um avanço da linguagem a partir das especificidades e potencialidades dos suportes e materiais.

Tunga, *Tacape*, década de 1980

Foto: Everton Ballardin



Marcelo Cidade
Foto: Divulgação

SOBRE O PROCESSO CURATORIAL

Três questões nortearam as reflexões abordadas pelo conjunto de obras expostas: Será possível perceber na arte contemporânea vestígios do sagrado? O que pode haver em comum entre a arte e o sagrado? E, ainda, a arte contemporânea, ao ganhar autonomia, fortalecendo seu significado estritamente estético, abandona o mítico, a religiosidade e a religião na busca da revolução da linguagem? Entre os destaques da exposição, Artur Lescher, Carmela Gross, José Resende, José Leonilson, Leda Catunda, Marcelo Cidade e Tunga.

A mostra traz à tona a discussão do que é arte e suas conjugações e interlocuções entre o sagrado e o estético dentro de uma mesma obra. O resultado é uma mostra site specific, que surge a partir da proposta cu-

ratorial na qual concepção, temática e suporte contemplam a vocação e as particularidades da galeria Arte132, e que desdobra-se em um belo jardim de esculturas.

Para o curador e colecionador Miguel Chaia, a arte e o tridimensional são conceitos polissêmicos: abrem-se para múltiplas formulações ou definições. *“A arte está aberta a qualquer pesquisa que assuma a perspectiva da política ou da filosofia, da religião, da economia, da semiótica e da estética. E, com frequência, essas perspectivas estão interligadas, uma vez que a arte é relacional enquanto produto da práxis humana, atravessada pelas múltiplas esferas da sociedade”*, explica ele.

A história da coleção de Vera e Miguel Chaia se confunde com a própria história da arte contemporânea

brasileira. O casal começou a colecionar há 45 anos e, durante esse período, reuniu um acervo ímpar. Eles se conheceram em 1969, quando cursavam a faculdade de ciências sociais da PUC-SP, e logo descobriram o amor em comum pelas artes, passando a visitar, juntos, exposições. Começaram adquirindo gravuras e nunca mais pararam. Assim surgia uma das mais importantes coleções de arte contemporânea brasileira. *Tridimensional – Entre o sagrado e o estético* será uma oportunidade para que os espectadores conheçam um recorte desse acervo.

SOBRE OS CURADORES

Miguel Chaia (São Paulo, 1947) é graduado em Ciências Sociais pela PUC-SP, mestrado e doutorado em Sociologia pela USP. É professor da Pós-graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências Sociais, e do Curso Arte: História, Crítica e Curadoria, da PUC-SP. Também é coordenador e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NEAMP).

Laura Rago (São Paulo, 1984) é curadora independente e jornalista de arte graduada em história e pós-graduada em Jornalismo Cultural e em Arte: Crítica e Curadoria, ambos os cursos realizados na PUC-SP. Pesquisadora na área de Arte e Política, História das Exposições, Arte e Tecnologia e Arte Pública.

Gustavo Herz (São Paulo, 1998) é graduado em Arte: História, Crítica e Curadoria pela PUC-SP. Ator e curador. Pesquisador na área de religiosidade. Promove eventos culturais independentes.

SERVIÇO

Exposição Tridimensional: Entre o sagrado e o estético

Curadores: Miguel Chaia, Laura Rago e Gustavo Herz

Local: Arte132 Galeria – Av. Juriti, 132, Moema, São Paulo / SP

Período expositivo: 14 de janeiro a 11 de março

Horários de visitação: segunda a sexta, das 14h às 19h

Sábados, das 11h às 17h | Entrada gratuita

<https://arte132.com.br>



Nuno Ramos, *Livro*, 1991

Foto: Everton Ballardin



Sanagê, Exercício Benin

Foto: Divulgação

SANAGÊ

PELE E OSSO

A diáspora
africana
e suas
consequências,
no Espaço
Cultural
Correios
Niterói, RJ

*Híbridos que transitam entre
pintura, escultura e relevo
compõem exposição que propõe
imersão na diáspora africana
e nas questões raciais*



Sanagê,
Exercício Burundi
Foto: Divulgação

Resultado de mais de quatro anos de pesquisa em materiais e texturas, *Sanagê Pele e Osso* inaugura no dia 21 de janeiro no Espaço Cultural Correios Niterói, com telas de 1,60m por 2,10m e objeto escultórico concebidos pelo artista Sanagê. Sob curadoria de Carlos Silva, a exposição propõe uma imersão estética e sensorial à questão racial e suas consequências na sociedade contemporânea brasileira. Utilizando espuma expandida, matéria-prima muito empregada na construção civil, o artista conseguiu torná-la semelhante a texturas, volumes e cor de peles, ossos, fissuras e ligamentos.

“Num primeiro momento, há o encantamento com a matéria-prima e suas possibilidades. Este é um dado fundamental para a construção da obra, pois é sobre a espuma expandida que se projeta meu exercício de produção contemporânea em arte”, analisa Sanagê, radicado em Brasília desde 1972.

Inicialmente, a linguagem é direta, pois as obras se referem a países africanos de onde saíram e por onde passaram homens, mulheres e crianças capturados e vendidos como escravos para trabalhar em fazendas e minas no Brasil. Se por um lado o material se revelou ideal para pensar estruturas invisíveis de um ponto de vista externo, por outro, nunca foi intenção do artista fazer uma apropriação expressionista e explícita da condição básica da diáspora. Os mapas são regiões de circunscrições de uma experiência. Nesse lugar da experimentação, ele alcança a conjunção favorável de um trabalho com pé na pintura e um desdobramento imediato em relevo e escultura. As estruturas de espuma são rasgadas, serradas, quebradas e coladas entre elas e sobre a tela.

O espaço expositivo, do teto ao chão, as telas e o objeto escultórico foram pintados de branco, revestidos de espuma EVA. Ao optar pela cor que contém e reflete todas as outras, Sanagê conduz o visitante a uma experiência de espaço infinito.

“O branco é a presença diáfana que simboliza uma ausência de limites. Porém, além de uma escolha estética, a cor também é política. Assim como as telas que

contêm relevos e texturas que não representam os relevos ou acidentes geográficos dos países africanos, a cor também não se refere a uma realidade. É uma provocação para a reflexão sobre passado, presente e futuro”, completa o artista.

O curador Carlos Silva destaca que *Sanagê Pele e Osso* busca trazer à luz algumas questões que possam motivar a releitura de aspectos históricos importantes. *“Quando nos referimos ao racismo, estamos sempre imbuídos em destacar questões que o cenário educacional nos apresenta mormente de forma fantasiosa. A literatura escolar sobre a importância e o legado da cultura negra, além de tendenciosa, é extremamente fraca em seu conteúdo, deixando nítido seu gesto marginal, ou seja, estamos recebendo invariavelmente um legado pobre que não permite uma interpretação isenta e analítica dos momentos”,* afirma o curador, ao ressaltar que *“esta exposição é uma fagulha nesta proposta e entendimento da questão”.*

O ARTISTA

Sanagê Cardoso nasceu no Rio de Janeiro/RJ e chegou a Brasília em 1972, com a mesma história de todos, em busca de qualidade de vida e oportunidades. Experimenta várias atividades, mas o pendor para as artes se materializa na fotografia. Com um trabalho autoral e conceitual tenta o clips como poética e desenvolvimento. Quando abandona a fotografia, resolve transformar as imagens abstratas e trazê-las para o plano tridimensional, fazendo da escultura seu ponto de partida. Para melhor desenvolver sua arte, buscou for-

mação acadêmica na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília. Tendo participado de diversas exposições individuais e coletivas, hoje contabiliza obras que fazem parte do acervo de alguns museus de arte contemporânea.

A mostra já foi apresentada no Museu da República de Brasília, onde atraiu um público de mais de 39 mil pessoas, e no MAB – Museu de Artes de Blumenau. Com vocação itinerante, depois do Rio de Janeiro (Niterói), segue para Salvador e Recife. A ideia é percorrer o país.

SERVIÇO

Exposição *“Sanagê Pele e Osso”*

Abertura: dia 21 de janeiro, sábado, às 13h

Período: de 23 de janeiro a 4 de março

Curadoria: Carlos Silva

Local: Espaço Cultural Correios Niterói

Av. Rio Branco, 481, Centro, Niterói / RJ

Visitação: de terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita

Contatos Sanagê: www.sanage.com.br / [@artistasanage](https://www.instagram.com/artistasanage)



Sanagê
Foto:
Divulgação



Imagem ilustrativa, Arquitetos Associados, Projeto Pinacoteca Contemporânea

PINACOTECA DE SÃO PAULO INAUGURA NOVO EDIFÍCIO E ANUNCIA A GRADE DE EXPOSIÇÕES PARA 2023

A inauguração do novo prédio, “Pinacoteca Contemporânea”, acontece no dia 25 de janeiro, data do aniversário da cidade. Na programação do ano estão previstas 14 mostras distribuídas entre os três edifícios do museu, com destaque para Marta Minujín, Chico da Silva, CaoFei e Haegue Yang

Sonho antigo da Pinacoteca de São Paulo, o novo espaço integrará o conjunto arquitetônico do museu – até então composto por dois edifícios, a Pina Luz e a Pina Estação – ao centenário Parque da Luz e aos bairros do Bom Retiro e da Luz. A *Pina Contemporânea* conta com um novo centro de atividades socioeducativas e área de serviços, com restaurante, loja e espaços de con-

vivência. Além disso, passa a sediar a Biblioteca e o Centro de Documentação da Pinacoteca.

Para comemorar a inauguração do novo edifício, duas exposições de impacto: uma coletiva com obras do acervo do museu ocupará a Grande Galeria e a coreana Haegue Yang, destaque do cenário internacional de

arte contemporânea, a Galeria Praça. Somados, os três prédios, as suas áreas e capacidade de público tornam o museu uma das maiores instituições de arte da América Latina.

“Localizado ao redor de uma grande praça, aberto ao parque e à livre circulação do público, o edifício da Pinacoteca Contemporânea promove o encontro e o diálogo, de forma acessível e inclusiva, fomentando a diversidade, a educação e a sustentabilidade. O novo espaço complementa os outros dois edifícios da Pinacoteca por meio de uma arquitetura permeável e acolhedora, e reflete o espírito de integração social presente em todos os programas desenvolvidos pelo museu, favorecendo a experimentação da arte contemporânea”, explica Jochen Volz, diretor geral do museu.

Com uma programação integrada entre os prédios, em 2023 a Pinacoteca seguirá apresentando uma consistente pesquisa em torno de nomes históricos e contemporâneos da arte brasileira, em diálogo com renomados artistas internacionais, dando visibilidade para uma multiplicidade de linguagens, temas e produções.

PRIMEIRO SEMESTRE

O ano começa com a inauguração da Pina Contemporânea, recebendo as mostras inaugurais do novo espaço, Haegue Yang e obras de grandes dimensões na coleção da Pinacoteca. Primeira sul-coreana a expor na instituição, Yang propõe uma instalação composta de esculturas feitas com persianas industriais que pendem do teto, como grandes móveis, combinadas a outras



Haegue Yang

Foto: Ocula Magazine

esculturas móveis situadas no chão. Já a exposição que inaugura a nova sala de mostras temporárias do edifício será composta de obras de grandes dimensões em diversas linguagens (instalações, esculturas, pinturas, desenhos, vídeos) pertencentes ao acervo da Pinacoteca.

A partir do dia 4 de março, a Pina Luz recebe a maior exposição individual já realizada sobre o artista de origem indígena Chico da Silva (1910-1985), reunindo coleções públicas e particulares em um recorte que vai de 1943 a 1984. Com trabalhos nunca exibidos, a mostra apresentará elementos característicos de sua iconografia, como os animais mitológicos. Ainda refletindo sobre a relação entre observação da natureza e imaginação, o Octógono, tradicional espaço do museu para projetos comissionados site specific, recebe a instalação de Denilson Baniwa (1984), artista-jaguar que

reflete em sua obra uma vivência enquanto indígena do tempo presente. No mesmo período, ocorre ainda uma mostra panorâmica de Maria Leontina (1917-1984) nas galerias temporárias do segundo andar.

Tradicionalmente revisitando obras de artistas brasileiros em exposições monográficas, o 4º andar da Pina Estação recebe exposição dedicada à carreira de Elisa Bracher (1965), a partir do dia 1º de abril. Regina Parra (1984) vai ocupar o 2º andar da Pina Estação, espaço dedicado às exposições que se constituem a partir do acervo, mas também em projetos experimentais.



Elisa Bracher

Foto: Versatille

SEGUNDO SEMESTRE

Uma das mais célebres artistas argentinas da atualidade, Marta Minujín (1943) é o grande destaque na Pina Luz. A mostra panorâmica vai perpassar diferentes momentos da carreira da artista, com projetos imersivos que, ao articularem cor, som e movimento, tornam corpórea, sinestésica e lúdica a experiência política da arte. No Octógono, uma das mais proemi-



Marta Minujín

Foto: Cortesia da artista

entes artistas brasileiras da atualidade, Sônia Gomes (1948), responde ao desafio de conceber uma obra que dialogue com a escala monumental do coração do edifício. Com uma trajetória extensa e diversificada, mas ainda pouco estudada pela crítica, Montez Magno (1934) completa a programação a partir de outubro.

Figura-chave do circuito internacional contemporâneo, a chinesa Cao Fei (1978) é o destaque da Pina Contemporânea no segundo semestre, com a abertura da mostra prevista para o dia 2 de setembro. Realizados em mídias como vídeo, instalação e performance, seus trabalhos são conhecidos por examinar as subjetividades, fantasias e afetos do presente, num contexto de rápidas transformações sociais atravessado pelo uso intensivo da tecnologia. Além da artista, Antonio Obá (1983) terá uma mostra individual na Galeria Praça do edifício a partir do fim de junho.

Para fechar o ano, Alex Cerveny (1963) reunirá no 2º andar da Pina Estação 23 desenhos e gravuras pertencentes ao acervo da Pinacoteca e apresentados em conjunto pela primeira vez, junto com pinturas e esculturas de sua trajetória. No 4º andar do mesmo edifício, uma mostra retrospectiva apresentará 30 anos de trabalho de Jarbas Lopes (1964), com início em 24 de novembro.

AGENDA DE EXPOSIÇÕES

PINACOTECA LUZ

Chico da Silva

Período: 04/03 a 28/05 – 1º andar

Curadoria: Thierry Freitas

Denilson Baniwa

Período: 18/03 a 30/07 – Octógono

Curadoria: Renato Menezes e Jochen Volz

Maria Leontina

Período: 13/05 a 10/09 – 2º andar

Curadoria: Renato Menezes e Thierry Freitas

Marta Minujín

Período: 01/07 a 28/01/2024 – 1º andar

Curadoria: Ana Maria Maia

Sônia Gomes

Período: 09/09 a 28/01/2024 – Octógono

Curadoria: Renato Menezes

Montez Magno

Período: 21/10 a 03/03/2024 – 2º andar

Curadoria: Clarissa Diniz

PINACOTECA ESTAÇÃO

Elisa Bracher

Período: 01/04 a 17/09 – 4º andar

Curadoria: Pollyana Quintella

Regina Parra

Período: 01/04 a 13/08 – 2º andar

Curadoria: Ana Maria Maia

Alex Cerveny

Período: 16/09 a 10/03/202 – 2º andar

Curadoria: Renato Menezes

Jarbas Lopes

Período: 24/11 a 31/03/2024 – 4º andar

Curadoria: Renato Menezes

PINACOTECA CONTEMPORÂNEA

Haegue Yang

Período: 25/01 a 28/05 – Galeria Praça

Curadoria: Jochen Volz

Obras de grandes dimensões

na coleção da Pinacoteca

Período: 25/01 a 30/07 – Grande Galeria

Curadoria: Ana Maria Maia e Yuri Quevedo

Antonio Obá

Período: 24/06 a 18/02/2024 – Sala 1

Curadoria: Ana Maria Maia

Cao Fei

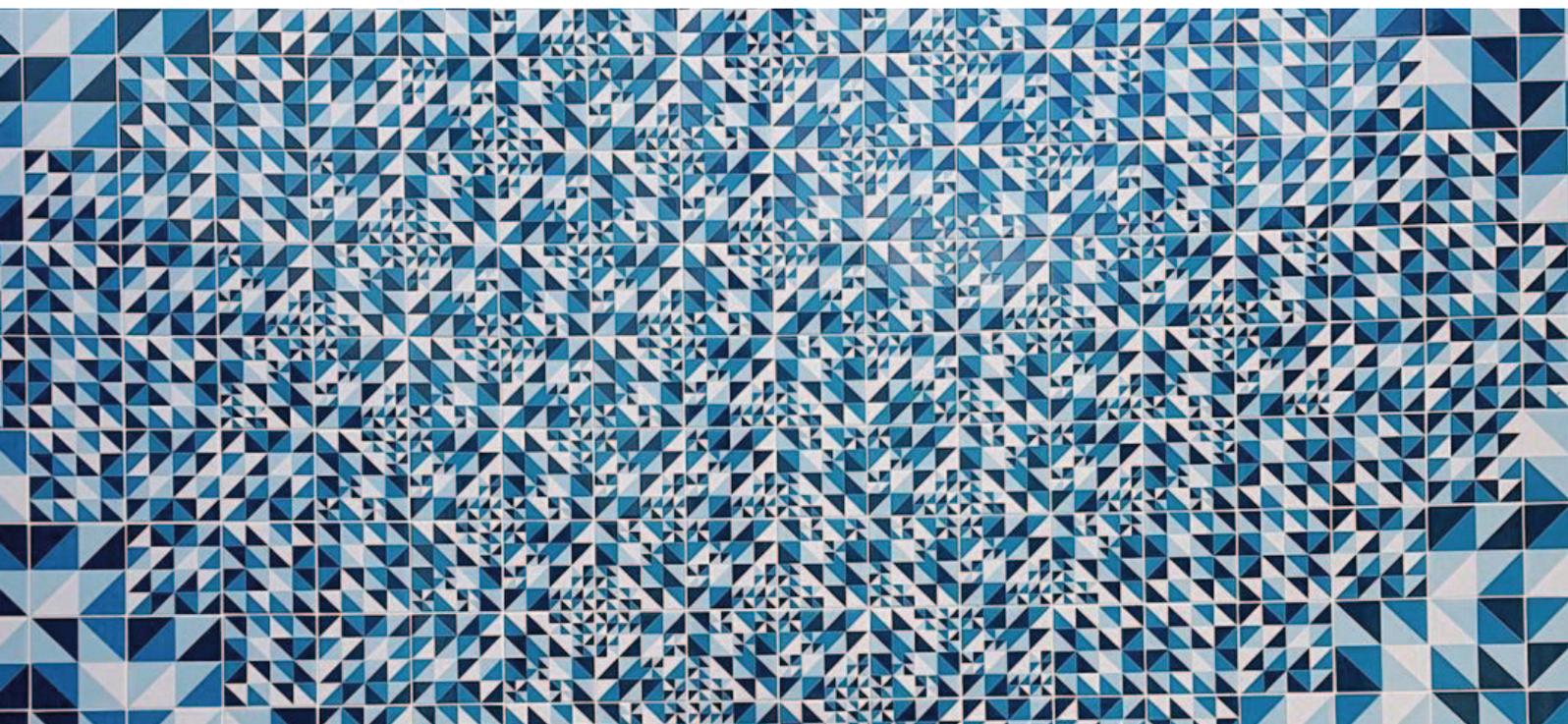
Período: 02/09 a 14/04/2024 – Sala 2

Curadoria: Pollyana Quintella

CASA PAMPULHANA

Registro, valorização e afirmação da Azulejaria Brasileira

Alexandre Mancini*



Painel de Alexandre Mancini em Belo Horizonte

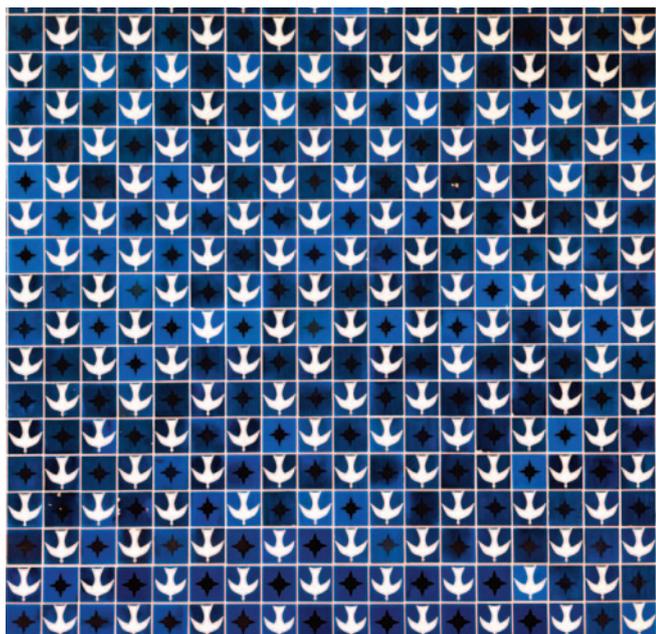
Foto: Arquivo pessoal

Durante longos anos morei em uma casa que ostenta um Galo dos Ventos no telhado. Ela fica às margens da Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte, a quase 100 metros da Igreja de São Francisco. Nela vivi meus anos de adolescência e início de juventude, o que me permitiu conhecer a fundo o que hoje é considerado Patrimônio da Humanidade pela Unesco. E, claro, viver os azulejos Pampulhanos.

Ao fim dos anos estudantis, ainda nesta casa, iniciei minha busca por uma profissão que me permitisse criar uma trajetória. Fiz de tudo um pouco, mas quando criei uma empresa de decoração de porcelanas, acreditei ter encontrado um caminho. Usei o pequeno galpão situado na parte inferior do terreno para montar uma estrutura com equipamentos e, em especial, um forno para queima das peças.

Em pouco tempo percebi que as porcelanas não me motivavam, mas os azulejos, ao contrário, me traziam algo genuíno. Assim, entre os anos de 2004 e 2006 estudei a fundo a azulejaria e, paralelamente, me dediquei ao domínio do ofício em suas técnicas de produção. Foram dois anos e meio bastante intensos.

Essa imersão no mundo azulejar me revelou algo categórico: admirava os azulejos brasileiros! E desde então, meu olhos se voltaram para esse nosso patrimônio. Percebi que a Azulejaria Brasileira era por si, autônoma e independente, e que Athos Bulcão promoveu brilhantemente sua síntese.



Painel de Athos Bulcão

Foto: Perfil @azulejariabrasileira

No segundo semestre de 2006 iniciei um novo caminho. Contando com um catálogo de padrões autorais, criei a *1958 Azulejaria*, uma marca para atuar no mercado de revestimento e decoração. Neste ponto, ainda

não sentia a confiança necessária para me apresentar como um artista na criação de painéis artísticos. E assim segui sem nunca parar de pesquisar, estudar e criar.

Em certo momento, compreendi que tinha a azulejaria como vocação, que ela era a minha arte e o meu ofício. Um fato ocorrido em 2007 contribuiu enormemente para isso: conhecer Athos Bulcão. O simbolismo deste encontro foi gigantesco para a confirmação do meu caminhar e, a partir daí, ganhei a confiança necessária para atuar como um artista, no sentido amplo da palavra.

No início meus painéis se baseiam nas lições de modulação promovidas por Athos. Utilizava, primordialmente, o preto, o branco e, eventualmente, vermelhos e amarelos. Entretanto, com o nascimento de minha filha, em 2010, houve uma explosão de cores em meu trabalho. Concebi obras que, às vezes, utilizavam até 16 tonalidades diferentes.



Ateliê Alexandre Mancini

Foto: Luiza Ananias

Faço parte de uma geração que iniciou os trabalhos a partir dos anos 2000. Além de mim, há tantos outros, como meus amigos do *Coletivo Muda*, cujos trabalhos trazem enorme expressividade e ajudam a situar a Azulejaria Brasileira a estes novos tempos. E com o compromisso e responsabilidade de ser um destes novos representantes, em 2012 estabeleci uma parceria com a Fundação Athos Bulcão, quando fui formalmente considerado discípulo de Athos. Imaginem... discípulo do grande mestre.

A partir deste mesmo ano comecei a realizar palestras e workshops sobre Azulejaria Brasileira até que em 2014 fui convidado a realizar duas apresentações em Portugal. Essa experiência me permitiu enxergar nossa azulejaria através de um outro prisma. Ao tentar buscar uma identidade definidora, acabei por compreender que a complexidade e a multiplicidade de nossos painéis são a grande marca.

Anos depois, já em 2018, fui convidado para ministrar um curso de 5 dias no Sesc Pinheiros, em São Paulo. E para a apresentação, mais alongada e complexa, criei um material dividido em seis capítulos: *Origens, Fundação, O Caminho para O Planalto, Outros Caminhos, Após o Moderno e Azulejaria Contemporânea*. Utilizo este material como referência até os dias de hoje.

A pandemia fez com que eu interrompesse as atividades de cursos e palestras, entretanto, abriu possibilidades para a experimentação de novas técnicas azulejares,

assim como abordagens compositivas e conceituais. E foi neste momento que tive a ideia de criar um perfil no Instagram para tentar reunir visualmente obras da azulejaria em nosso país, missão das mais difíceis, pois há obras em praticamente todos os estados e, dentro deles, em diversas cidades diferentes.



Alexandre Mancini

Foto: Arquivo pessoal

E, assim, iniciei em outubro de 2022 as atividades do perfil [@azulejariabrasileira](https://www.instagram.com/azulejariabrasileira), cuja descrição é: *registro, valorização e afirmação da Azulejaria Brasileira*. O objetivo primordial era a catalogação de obras em todo o Brasil, de ontem e de hoje, expandindo o eixo de atuação para as diversas regiões.

Com o decorrer das postagens outras demandas surgiram de maneira espontânea, vindas dos próprios seguidores. Percebi que há um desejo por material bibliográfico e eventos relacionados ao tema e, principalmente, co-



Painel de Aluísio Carvão coberto por publicidade de circo

Foto: Perfil @azulejariabrasileira

mentários sobre o estado dos painéis azulejares. Recorrentemente recebo pedidos de denúncias quanto à falta de conservação e deterioração de obras, assim como de eventuais agressões ao patrimônio.

Exemplo disso foi o ocorrido em um grande painel de Aluísio Carvão, no Rio de Janeiro, onde um circo que se instalou no local cobriu toda a extensão da obra. A denúncia recebida por mim foi republicada no perfil e, então, repostada pela artista Adriana Varejão em seu próprio perfil, fazendo com que a Prefeitura agisse no dia seguinte para a retirada do material invasor e a limpeza do painel.

Enquanto alimento o perfil, continuo o meu trabalho no ateliê localizado naquela casa à beira da Lagoa da Pampulha, com um Galo dos Ventos no telhado. Desde que experimentei – e me fascinei – pelos azulejos pintados à mão, comecei a extrapolar a geometria tão característica em meus painéis, encontrando formas mais abstratas ou menos contidas.



Foto: Arquivo pessoal

Os elementos geométricos simples ganharam novas compreensões e se tornaram abstrações geométricas ou, então, obras concretas. E em um movimento espontâneo, a racionalidade e objetividade das composições ressurgem como abstrações puras, quase amorfas, abrindo caminho, inclusive, para o figurativo. Mas, agora, uso os azuis como tonalidade principal.

A cada dia redescubro meu trabalho propondo novas condutas. A azulejaria está sempre em movimento, e assim sinto que também devo estar. Ela é parte integrante da minha vida: deu-me maior consciência social e compreensão sobre nosso país; aguçou o espírito crítico de pensamento; e é com ela que tiro o sustento da minha casa e da minha família. Sinto ter muito a contribuir, seja com meu trabalho, em sua divulgação ou, simplesmente, na divisão do conteúdo.

E assim o faço, a partir desta casa pampulhana.

* Alexandre Mancini é artista azulejista, criador e organizador do perfil [@azulejariabrasileira](https://www.instagram.com/azulejariabrasileira)



Festival Internacional de Música de Santa Catarina – FEMUSC – chega a 18ª edição e celebra encontro entre o erudito e o popular



Principal festival escola do país traz grandes nomes da música e mais de 200 espetáculos transmitidos ao vivo. O evento, que abre o calendário cultural de SC, acontece em Jaraguá do Sul, no norte do estado, entre os dias 8 e 28 de janeiro. Este ano, o festival fará homenagens especiais a Vinícius de Moraes, Ary Barroso e Waldir Azevedo

O FEMUSC é um evento diferenciado. Não apenas porque durante três semanas reúne um grande elenco de professores renomados vindos de diversas regiões do Brasil e do exterior, mas também porque promove concertos gratuitos que acontecem em diversos pontos da cidade-sede, além de oferecer programas de ensino

que atendem crianças e adultos, fomentando a formação profissional dos músicos envolvidos.

Nesta edição, o FEMUSC contará com a participação de 86 professores, sendo 40 estrangeiros, que participam do evento para compartilhar conhecimento e multi-



plicar experiências. Nomes como o do maestro Roberto Duarte, do violinista Simon Bernardini e do instrumentista, Renato Borghetti (MPB), estão entre os destaques.

A grandiosidade do festival pode também ser representada através dos números previstos para 2023. Segundo os organizadores, já são mais de 1,2 mil alunos inscritos – do Brasil e de outros 32 países – três semanas de atividades e mais de 200 apresentações. *“Não existe nada como o FEMUSC. Ele vai além da música. É um projeto humanitário”*, destaca o maestro Alex Klein, um dos principais oboístas da atualidade, ganhador do “Grammy” na música erudita e, idealizador do festival.

Nos vinte dias de espetáculos, a programação conta com o tradicional Concerto das Nações – quando músicos de diferentes nacionalidades sobem ao palco **enaltecendo** a própria cultura –, com a apresentação da orquestra sinfônica do FEMUSC e de três óperas, montadas exclusivamente para o festival, além das aulas, workshops e concertos em diversos locais públicos e entidades da cidade.

HOMENAGENS ESPECIAIS

Na noite de abertura, domingo, dia 8, um show especial irá homenagear três dos grandes compositores da história da música popular brasileira que completariam datas especiais em 2023: Waldir

Azevedo (100 anos), Vinícius de Moraes (110 anos) e Ary Barroso (120 anos).

Todas as apresentações são gratuitas, mediante retirada antecipada dos ingressos; os espetáculos serão transmitidos ao vivo, em alta definição, pelo Canal do YouTube do Festival: <https://www.youtube.com/user/institutofemusc>.

CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

Paralelamente à programação do FEMUSC, acontece o *Femusckinho*, voltado para o público infantojuvenil, de 6 a 12 anos. Entre as atividades, são oferecidas aulas de canto coral, percussão corporal e violino. Para esse



Femusckinho

Foto: Divulgação

público, em muitos casos, o evento representa um primeiro contato com a música e até mesmo a descoberta da paixão por um novo instrumento. Em duas semanas, mesmo as crianças sem nenhum conhecimento musical, apresentam seu primeiro concerto como participante de orquestra. Neste ano, cerca de 80 crianças devem participar da iniciativa.

Há também o *FEMUSC Jovem*, com 80 participantes, de 12 a 17 anos, que terão a oportunidade de vivenciar o contato com a música. E nesta edição, uma novidade: o *Femusc Jaraguá*, programa voltado para jovens da cidade a partir de 17 anos. As atividades voltadas para esse público reforçam a contrapartida social do FEMUSC.

SERVIÇO

18ª edição do FEMUSC

De 8 a 28 de janeiro

Local: Auditório do Centro Cultural SCAR,

Jaraguá do Sul / SC e diversos espaços da cidade

Transmissão ao vivo para todo o Brasil:

<https://www.youtube.com/user/institutofemusc>

Informações: festival@femusc.com.br

Para acessar o FEMUSC o ano inteiro:

Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/femusc>

Instagram: <https://www.instagram.com/femusc/>

YouTube:

<https://www.youtube.com/user/institutofemusc>

Flickr: <https://www.flickr.com/photos/femusc>

Site: <https://www.femusc.com.br/>



Fotos: Divulgação



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868